

Universidade Federal de São Carlos  
Centro de Educação e Ciências Humanas  
Departamento de Ciências Sociais

Monteiro Lobato e sua crítica social:  
Onde está a virtude cívica do povo?

Professor Dr. Marco Antonio Villa

Aluno: Moacir Pereira Alencar Júnior RA: 268399

DEZEMBRO/2011

## Origens da Sociedade Brasileira

A construção da sociedade brasileira seguiu uma perspectiva que perpetua as raízes do Iberismo em nossas relações sociais. Em meio aos privilégios e ao clientelismo, o empreendedorismo da colonização brasileira ganhou forma e conteúdo.

Mas a sociedade brasileira que produzimos, ainda permanece composta por milhões de “cidadãos” não ativos, no que se refere ao papel de ação e atuação frente ao Estado por direitos e representatividade.

Monteiro Lobato, ao analisar o Brasil que lhe circundava, no início do século XX, via que existia uma classe de indivíduos que representariam o que havia de mais parasitário em nosso cotidiano: *os caboclos*. Para Lobato - em *Urupês* - eles seriam:

“Uma espécie de homem baldio, semi-nômade, inadaptável à civilização, mas que vive a beira dela na penumbra das zonas fronteiriças. À medida que o progresso vem chegando com a via férrea, o italiano, o arado, a valorização da propriedade, vai ele refugindo em silêncio, com o seu cachorro, o seu pilão, a picapau e o isqueiro, de modo a sempre conservar-se fronteiriço, mudo e sorna”. (Urupês, 1997).

Para Monteiro Lobato, estes nômades, por força de vagos atavismos, não se ligam à terra, eles sugam toda sua seiva e partem adiante, com a mesma bagagem que ali chegaram. Existe um processo de simbiose entre o sapé e o caboclo, sendo que este fazedor de sapezeiros perpetua a espécie e a obra de esterilização iniciada com os remotíssimos avós.

A literatura militante de Lobato procurava conquistar um público cada vez mais amplo, apontar para seus leitores os problemas do país e convidá-los para a ação.

Monteiro Lobato é, acima de tudo, arguto crítico social, um homem preocupado com os destinos do seu país. (AZEVEDO, 1997)

Na obra *Urupês*, Lobato incorpora dois artigos que publicara no jornal O Estado de S. Paulo: Velha Praga e Urupês. Neles, o escritor paulista denuncia as queimadas comuns nas regiões interioranas do Estado e cria um dos seus principais personagens, o Jeca Tatu, avesso da imagem romântica do caboclo, para revelar, segundo ele, a “verdadeira” face do homem do campo: indolente e doente. (PASSIANI.,2002)

Monteiro Lobato buscava destacar que o *caboclo* era uma quantidade negativa, modelo de “insigne preguiça e de velha malignidade”, sendo que seu rastro deixava a certeza de uma dolorosa memória para a natureza circunvizinha, trazendo um tipo de valor de sua produção quase inexistente se comparar os males que ele provocava. Nas palavras de Lobato:

No vazio de sua vida semi-selvagem, em que os incidentes são um jacú abatido, uma paca fígada n'água ou o filho novimensal, a queimada é o grande espetáculo do ano, supremo regalo dos olhos e dos ouvidos. (Urupês, 1997)

Lobato busca desconstruir a figura romântica criada em torno do caboclo, onde o indianismo o torna um dos principais exemplos de idealização da realidade brasileira, um símbolo idealizado da nacionalidade, junto com os índios. Nas palavras de Monteiro Lobato: Pobre Jeca Tatu! Como és bonito no romance e feio na realidade!

A importância do caboclo só ficava evidente no hora de votar. Representantes de uma classe inculta e abandonada socialmente, eles votavam para aumentar a influência de certos donos de terra. Eram usados para atender a certas máquinas eleitorais, perpetuando o coronelismo, que tinha como marca registrada uma feição marcadamente governista. Os caboclos seriam modelos plenos de cidadãos *não* ativos,

sendo incapacitados de desempenhar missão política. O sentimento de pátria lhe era desconhecido.

Para Lobato, os caboclos viviam subjugados ao sistema político-social da época, assistindo as mudanças históricas brasileiras como se fossem membros de uma sociedade paralela, à margem da história, impenetrável ao progresso. Nas palavras de Lobato: “o caboclo ergue-se , espia e acocora-se de novo”.

Lobato elabora no texto *Urupês* uma análise que privilegia a participação política da população rural. Contudo, sua visão sobre o povo provocou reações totalmente opostas. Apesar do grande sucesso editorial que alavancou a carreira literária de Lobato, esse texto recebeu inúmeras críticas por parte da camada intelectual brasileira. O autor foi duramente criticado pelo caráter racista de sua análise. (MOTA,2010)

E, vale lembrar, Monteiro Lobato em nenhum momento abriu mão de sua literatura militante, crítica (às vezes cáustica demais), de cunho visivelmente social, em nome dos consumidores; não abandonou a crença no poder transformador da literatura: os livros deveriam ser um convite para a reflexão e para a ação. (PASSIANI,2002) Lobato resume sua concepção de literatura em uma frase: “Um país se faz com homens e livros”.

Para Wilson Martins, *Urupês*, ao lançar a figura do Jeca Tatu, lança o primeiro tipo de “herói” literário, abrindo frente a uma campanha contra o falso regionalismo. Para o autor, Lobato é o precursor do Modernismo, uma vez que, até 1921, foi a vanguarda literária no Brasil.

A atenção que Lobato dá ao caipira do interior de São Paulo nos textos *Urupês* e *Velha Praga* partem essencialmente de um problema político de seu tempo – o conflito entre a lavoura extensiva e as práticas agrícolas tradicionais. Para o autor, a

acomodação da população rural impedia o progresso do país, que permanecia às margens da modernidade característica de outras regiões do mundo. (MOTA,2010)

Rui Barbosa, ao se dirigir ao personagem Jeca Tatu, destaca que Monteiro Lobato, refletindo alguma coisa de seu meio, nos mostrou, consciente ou inconscientemente, a síntese da concepção, que têm, da nossa nacionalidade, os homens que a exploram. Portanto, para Rui Barbosa, os manda-chuvas da população brasileira promoveriam o ato de mais violento desprezo aos habitantes do interior do Brasil:

“O que eles vêem, sucedendo à idade embrionária do colono, dobrado ao jugo dos capitães-mores; o que eles vêem, seguindo-se à época tenebrosa do africano vergalhado pelo relho dos negreiros, é o período banzeiro do autóctone, cedido pela catequese dos missionários à catequese dos politíqueiros, lanzudo ainda na transição mal-amanhada, e susceptível, pelo seu baixo hibridismo, das bestializações mais imprevistas.

Eis o que eles enxergam, o que eles têm por averiguado, o que os seus atos dão por líquido, no povo brasileiro: uma ralé semi-animal e semi-humana de escravos de nascença, concebidos e gerados para a obediência, como o muar para a albarda, como o suíno para o chiqueiro, como o gorila para a corrente, uma raça cujo cérebro ainda se não sabe se é de banana, ou de mamão para empapar de tudo que lhe embutam; uma raça cujo coração ainda não se estudou se é de cortiça, ou de borracha, para não guardar moessa de nada, que o contunda; uma raça, cujo sangue seja de sânie, ou de lodo, para não sair jamais da estagnação do charco, ou do esfacelo da gangreria, uma raça, cuja índole não participe, sequer, por alguns instintos nobres ou úteis, dos graus superiores da animalidade”(BARBOSA,1999, pg 369-370)

Monteiro Lobato buscou mudar esta perspectiva construída em torno do *caboclo* na obra *Problema Vital*. Diferente de *Urupês*, em *Problema Vital* Lobato retira

dos ombros do caboclo a culpa pelas mazelas do país. A incapacidade da população de promover o progresso nacional passa a ter como causa a condição de doença que imperava no meio rural e nas cidades do interior devido o descaso das autoridades com o bem-estar da população. Para Lobato era necessário que o caboclo fosse instruído sobre as formas de cuidar de si e do espaço onde vivia (LOBATO, 1959, p. 329).

Segundo Naxara, as preocupações de Lobato em relação ao progresso e à civilização são assinaladas também em *Urupês*, quando afirma que o caboclo era “inadaptável à civilização”. Para Lobato, uma das vias para se chegar ao progresso, ao desenvolvimento da civilização, da nação, seria por meio do trabalho, por isso, criticou tanto o modo de vida caipira, sem a preocupação de acumular riquezas e apenas produzir para sobreviver. Nesse sentido, o progresso estaria ligado ao desenvolvimento da produção e, conseqüentemente, ao crescimento econômico.(XAVIER,2010)

Lobato, pois, era um escritor que valorizava a observação cuidadosa do ambiente que o circundava - fruto da influência das teorias científicas do início do século - para justamente cumprir aquele que julgava ser o papel social do intelectual: produzir conhecimento e torná-lo acessível a um público sempre maior. O público aparece como potencialidade do texto lobatiano e não como mero receptor passivo da informação.(PASSIANI,2002)

Considerando o grande número de cidadãos brasileiros que ainda hoje, no século XXI, possuem pouco acesso a direitos civis, políticos e sociais, não é de se espantar esta visão de crítica contumaz e feroz promovida por Monteiro Lobato no início do Século XX.

A realidade brasileira mantém uma continuidade e previsibilidade de grupos em constante contraste. As instituições informais brasileiras, tais como corrupção, clientelismo e patrimonialismo, ainda tornam os cidadãos instrumentos de

subserviência a certas elites econômicas regionais. A figura do *caboclo* ainda se perpetua em certos confins e grotões de nosso país.

E este sentimento de indignação da situação do povo brasileiro, tantas vezes vociferado por Lobato, Rui Barbosa e outros grandes pensadores continuam a ter eco, e reverberam até hoje as condições existentes de certas parcelas da população, que vivem em um misto de ilusão e realidade lancinante.

Virtude cívica e intelectual sempre esteve distante da grande massa trabalhadora, tanto urbana como rural, por consequência, o brasileiro vive incompleto. A cidadania ainda é algo que transcende a realidade de cada pessoa que nasce no país.

## BIBLIOGRAFIA

AZEVEDO, Carmen L., CAMARGOS, M., SACCHETTA, V. **Monteiro Lobato - furacão na Botocúndia**. São Paulo: SENAC, 1997.

BARBOSA, Rui. **Pensamento e Ação de Rui Barbosa. Seleção de textos pela Fundação Casa de Rui Barbosa**. Senado Federal, Brasília, 1999.

LOBATO, Monteiro. **Problema Vital**. São Paulo: Brasiliense, 1959.

\_\_\_\_\_. **Urupês**. São Paulo, Brasiliense, 1997.

MARTINS, Wilson. **O modernismo (1916-1945). A literatura brasileira**. 4.ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1973. v.VI. p.21-23.

MOTA, Danyllo Di Giorgio Martins da. **Reivindicação Política e Conhecimento Científico: Monteiro Lobato e os discursos intelectuais da década de 1910 – XIV encontro regional da ANPUH – julho/2010**.

NAXARA, Márcia Regina Capelari. **Estrangeiro em sua própria terra**. São Paulo: Anna Blume / FAPESP, 1998.

PASSIANI, Enio. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 4, nº 7, jan/jun 2002, p. 254-270

XAVIER, Vanessa Balsanelló. **Os Brasis de Monteiro Lobato: de Jeca Tatu ao Desencantamento**. Curitiba, 2010.